

Ambiente e Saúde no Vale

Por Cristiano Ricardo · Publicado em 22/12/2025

Uma reflexão sobre como a degradação ambiental no Vale do Paraíba impacta diretamente o SUS. Analisamos dados sobre a poluição atmosférica no eixo Dutra, os desafios hídricos do Rio Paraíba do Sul e o passivo de áreas contaminadas. Entenda por que um sistema de saúde moderno exige integrar a vigilância ambiental à Atenção Primária para tratar as causas do adoecimento, e não apenas os sintomas.

Versão online e eventuais atualizações: <https://politico.cristianoricardo.com/post/ambiente-e-saude-no-vale>

Para pensarmos em um sistema de saúde verdadeiramente sustentável no Vale do Paraíba Paulista, precisamos olhar além dos muros dos hospitais e das Unidades Básicas de Saúde (UBS). A saúde humana é um reflexo direto do ambiente em que vivemos — um conceito globalmente conhecido como Saúde Única (One Health). Na nossa região, o intenso desenvolvimento industrial e rodoviário das últimas décadas cobrou um preço ambiental alto, cujas faturas chegam diariamente às filas de pronto-atendimento.

Abaixo, detalhamos os gargalos nos três pilares ambientais da região e como eles se convertem em carga de adoecimento.

O Ar: O Corredor de Emissões da Dutra

O Vale do Paraíba é cortado pela Rodovia Presidente Dutra, a artéria logística mais movimentada do país, ladeada por complexos industriais, químicos e aeroespaciais.

Os relatórios e boletins diários de qualidade do ar da CETESB revelam que municípios como São José dos Campos, Taubaté e Guaratinguetá lidam frequentemente com concentrações preocupantes de poluentes. Os maiores vilões são o Ozônio (O₃) — um poluente secundário formado pela reação da luz solar com gases de escapamento — e o Material Particulado Fino (PM_{2.5}), derivado principalmente da queima de diesel. Durante o inverno, o fenômeno climático da inversão térmica aprisiona essa nuvem tóxica perto do solo.

- **Reflexo na Saúde:** O PM_{2.5} é fino o suficiente para ultrapassar a barreira dos pulmões e cair na corrente sanguínea. Na prática, isso lota as UPAs infantis com crises severas de asma e bronquiolite. Em adultos e idosos, essa exposição crônica agrava quadros de Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC) e atua como um gatilho invisível para infartos e picos hipertensivos.

A Água: Os Contrastes do Rio Paraíba do Sul

O Rio Paraíba do Sul é a espinha dorsal hídrica do Sudeste. Ao longo dos anos, houve vitórias importantes: graças a investimentos robustos em saneamento básico, cidades como São José dos Campos e Taubaté conseguiram elevar o Índice de Qualidade das Águas (IQA) em seus trechos.

Contudo, a realidade da bacia como um todo é desigual. Dados históricos e monitoramentos da CETESB e de comitês de bacia mostram que diversos municípios menores ainda despejam esgoto doméstico in natura no rio. Isso eleva drasticamente a Demanda Bioquímica de Oxigênio (DBO) e os níveis de coliformes fecais. Além disso, o escoamento agrícola (agrotóxicos e fertilizantes) e a exploração desordenada de areia nas margens aumentam a turbidez e inserem compostos químicos no manancial.

- **Reflexo na Saúde:** A presença de patógenos na água mantém um ciclo basal de doenças diarreicas agudas e parasitoses, especialmente em áreas periféricas com abastecimento intermitente ou saneamento precário. A longo prazo, a presença de microcontaminantes químicos (como resíduos de pesticidas) na bacia exige tratamentos de água cada vez mais caros e gera preocupações sobre desregulação endócrina na população abastecida.

O Solo: O Passivo Industrial e Agrícola

O Vale do Paraíba foi palco de diversos ciclos econômicos — do café à rizicultura (plantio de arroz) nas várzeas, culminando na industrialização pesada. Esse histórico deixou cicatrizes.

O cadastro de Áreas Contaminadas da CETESB lista centenas de terrenos na região onde o solo e as águas subterrâneas (lençol freático) foram comprometidos por vazamentos de solventes, hidrocarbonetos e metais pesados de indústrias que muitas vezes já nem operam mais. No meio rural, o uso prolongado de defensivos agrícolas também alterou a biologia do solo local.

- **Reflexo na Saúde:** Diferente da poluição do ar, que causa crises agudas, a contaminação do solo é silenciosa. O contato contínuo com solos industriais degradados (áreas brownfields) ou a ingestão de água de poços contaminados pode levar à bioacumulação de metais pesados, aumentando estatisticamente o risco de doenças renais crônicas, neuropatias e certos tipos de câncer em comunidades adjacentes.

A Integração com a Atenção Primária

Como podemos ter um sistema de saúde sustentável diante desse cenário? A resposta está em

trazer a Vigilância em Saúde Ambiental para dentro da rotina das Unidades Básicas de Saúde.

A medicina moderna não se limita a prescrever uma bombinha de asma; ela mapeia o território. Se a inteligência de dados cruzar o endereço dos pacientes com os mapas de qualidade do ar da CETESB ou com áreas de passivo ambiental, as equipes de Estratégia Saúde da Família (ESF) poderão atuar preventivamente. O sistema de saúde sustentável do futuro reconhece que tratar o ambiente é a forma mais eficaz e barata de tratar o paciente.